

# O imitador de vozes

•• Sade, o divino Marquês, inventou Lisboa redigindo-a à macabra luz da vela num cárcere das Tulherias. Fielding, o genial criador de **Tom Jones**, descreveu-a em pesadelo e veio a morrer nela por ironia do destino. Beckford, o Snobe, contou-a com desfastio.

Mas o Portugal que agora leio em Thomas Bernhard ainda surpreende mais. Em **O Imitador de Vozes**, um caderno de viagens, o grande romancista austríaco fala de cães assassinados a servirem de estrume nos laranjais do Alentejo durante o período revolucionário e de Álvaro Cunhal em diálogo palaciano com Umberto de Itália nos salões da Embaixada alemã de Lisboa, enquanto, lá fora, as ruas se revolviem em acesos comícios populares. Fala da Coimbra dos anos setenta e de mestres catedráticos despassarados pelo medo. Fala de sonhos premonitórios, avisos do céu, e de professores enforcados (enforcados, nada me-

nos) no gabinete de História Natural da bucólica universidade. Tudo isto com a ironia e o desenfado de um memorialista que toma notas *in loco* das extravagâncias que ocorrem no Reino da Estupidez.

García Márquez, Heinrich Boll, Claude Roy Hans Magnum Ezensberger e tantos outros escritores maiores também estiveram por cá e fizeram da Revolução dos Cravos uma reflexão muitas vezes inquieta mas sempre comovida. Thomas Bernhard não. Passou a voo rasante, anotou-nos, divertido, em três textos, nada mais, e viva o velho.

Resta-me esperar que o deslumbramento entusiástico com que, segundo Cavaco Silva, o mundo nos passou a olhar durante o seu mandato nos recupere dos aluados imitadores da nossa voz e da paisagem que nos diz respeito.



## A MOSCA

*José Cardoso Pires*